

José d'Encarnação

**RELIGIÃO DOS ROMANOS,
RELIGIÃO DE SEMPRE?**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

RELIGIÃO DOS ROMANOS, RELIGIÃO DE SEMPRE?

AUTOR

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

DIANA SARAIVA DE CARVALHO
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

ISBN

978-972-623-300-8

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa
R. Academia das Ciências, 19
1249-122 LISBOA
Telefone: 213219730
Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt
Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2016
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

RELIGIÃO DOS ROMANOS, RELIGIÃO DE SEMPRE?

José d'Encarnação
CEAACP – Universidade de Coimbra

Resumo

Parte-se do princípio de que, na raiz do fenómeno religioso, pode estar a procura de uma explicação para o que é naturalmente inexplicável.

A religião vive de rituais, torna-se visível através dos ex-votos, quer a nível institucional quer pessoal. E o modo como se encara o Além centra-se igualmente na esfera da religião.

Summary

We can see, at the origin of the religious phenomena, the request of an explication for that what is naturally inexplicable.

The religion is rich of rituals and we can see it by the institutional or personal *ex vota*. And how we imagine the other side of life is also a religious attitude.

Escura é a noite, medonha. Relâmpagos riscam o céu plúmbeo, desvairados. Ribomba o trovão pelas quebradas. Animais e gente acoitam-se, «Santa Bárbara é um anjo!»... Sente-se na pele a insondável presença do mistério. E ocorre-nos o episódio do Adamastor:

«Que potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo,
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?»

Os Lusíadas, V, 38

Não se me afigura ousado pensar que a ideia de um Ser superior — patente em todos os povos e sempre — possa ter derivado também desta impotência perante a Natureza enfurecida. E não foi, portanto, sem razão que os Romanos, na sequência do que os Gregos igualmente haviam pensado, criaram o Pai dos Deuses, Júpiter, como senhor do raio, do *fulmen* (Fig. 1). Hoje, que amiúde tropeçamos com a palavra «fulminante», normalmente para nos dar conta de factos inesperados e dolorosos, compreendemos melhor, até, essa ligação.

E assim tudo o que é inexplicável e misterioso pode ser atirado para a esfera do divino.



(Fig.1)

O inexplicável pode ser divino

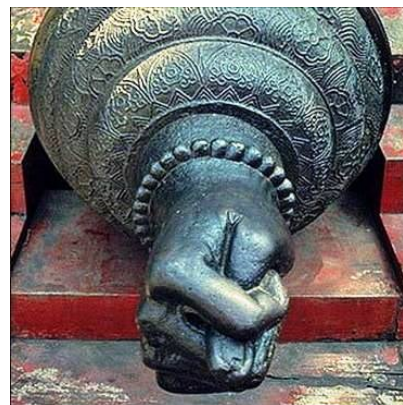
Em Jacarta (antiga Batávia), na ilha de Java, há, «caída no chão, uma peça de artilharia de bronze, desmontada há séculos, e em volta estende-se um prado de flores de papel, oferecidas pelos devotos desse ídolo.

Um indígena estabelecido perto da peça vende varinhas de sândalo que as mulheres queimam, de olhos postos no cilindro de bronze ornado de relevos.

Todos em Java sabem que a mulher que se sentar nessa peça e lhe ofereça flores e incenso, fica em condições de ter um filho nos nove meses precisos».



(Fig.2)



(Fig.3)

Os indonésios referem-se-lhe com sorrisos e piscadelas de olhos, chamando-lhe familiarmente *Si Jagur*, literalmente o Senhor Fertilidade, por haver a convicção de que o canhão português cura a infertilidade feminina. Também numa região meridional africana, uma pistola perdida pelos Portugueses acabou por ser considerada a divindade que, zangada, vomitava fogo e matava!

Essa incompreensão perante fenómenos inexplicáveis assume, pois, amiúde, dimensão divina e gera, da parte do Homem, uma atitude de submissão, de súplica, de entrega, consubstanciada em gestos individuais ou colectivos, que podem vir a ser ritualizados e transformados em cerimónias de realização periódica ou ocasional.

Os ex-votos

E, para obter as graças desses seres superiores, o Homem devota-se, entrega-se espiritualmente. Daí, a palavra **devoção**. Daí, os votos, consubstanciados nas velas que ardem nesse gesto de entrega. Velas que simultaneamente simbolizam purificação, transitoriedade, anonimato. Daí, as placas epigrafadas que se amontoam, no Campo dos Mártires da Pátria, em Lisboa, aos pés da estátua do Dr. Sousa Martins, o médico taumaturgo: «Ao Dr. Sousa Martins agradeço graça concebida [sic] e peço proteção. Porto, 8-6-88, Vítor Alexandre»... E outras placas que se afixam nas igrejas de particular devoção a santos curandeiros, assim como as ofertas de braços, seios, pernas, pescoços moldados em cera e que se acumulam nos altares de Santo António ou de S. Judas Tadeu.

E as tábuas de milagres, preciosos documentos iconográficos também, a retratar os costumes de séculos passados:

«Milagre que fez Nossa Senhora do Desterro a José da Silva Laranja e seus companheiros que, estando no dia três de Maio de 1839 no mar lhes carregou huma grande tempestade que estiverão em perigo de vida, e recorrendo à dita Senhora vieram a saluamento».

E a imagem (Fig. 4) mostra a Sagrada Família em jeito de caminhar para o desterro no Egipto, S. José empunhando o consagrado ramo de açucena e, por cima, a pomba do Espírito Santo. Na barca, endossando túnicas brancas, onze homens, braços cruzados sobre o peito, quatro deles com gorros vermelhos na cabeça. Quatro são os remos deste lado, outros tantos haverá do outro; o homem do leme; e, à proa, um dos mareantes parece ter lançado a âncora e sustém o cabo.



(Fig. 4)

Nos primórdios do século XX, aqueles pais tiveram uma filha que, de tão franzina e débil, não teria muito tempo de vida. «Senhora da Piedade», rezaram, «se nossa filhinha sobreviver, edificaremos uma capela em tua honra na nossa propriedade». A menina viveu até quase aos cem anos e a capela à Senhora da Piedade lá está, a mostrar a devoção paterna.

Em Sirmium, na antiga Jugoslávia, depararam-se os arqueólogos com uma espécie de “cemitério” de altares em honra de divindades romanas, nomeadamente Júpiter. Os *beneficarii*, agentes secretos do imperador, ao passarem por ali, em missão, bem cientes dos perigos que corriam, não deixavam de mandar lavrar devota epígrafe. Um após outro – como os devotos do Dr. Sousa Martins. Por isso, pouco a pouco, tal como as velas em santuário mariano, as mais antigas aras eram substituídas pelas mais recentes e foi, para os estudiosos, um bom manancial histórico. Também aqui súplica, dependência, transitoriedade...

E destas formas se manifestava a religião, esta ligação entre dois mundos, o visível e o invisível. Pontífice, o sacerdote que presidia aos rituais, retirara dessa função o seu nome: *pontem facere*, «fazer a ponte» entre as duas margens de um mesmo rio, o Divino e o Humano!

Rituais

Claro que a religião implica rituais, corpo sacerdotal e um pensamento organizado: uma doutrina, uma mitologia e... um livro, porque a determinado momento se sentiu a necessidade de pôr por escrito o que, a princípio, eram formulações orais, que se transformavam em tradição! Por isso, falamos das religiões «do livro»: a Bíblia para os Judeus; o Velho e o Novo Testamento, para os Cristãos; o Corão, para os Muçulmanos. Mas também as máximas de Confúcio e de Buda acabaram por se consignar em livro.

Para além do «livro», paulatinamente se criaram rituais. O ritual faz, também ele, parte da vida humana; a ele obedecemos serenamente e sem ele achamos que algo nos falta; e quando um desaparece pela força das circunstâncias há outro que, de imediato, lhe vem ocupar o lugar. Moisés subiu à montanha para falar com Deus e d'Ele receber as tábuas da Lei; demorou-se por lá um pouco mais do que os israelitas reputavam necessário e... não hesitaram em fundir o bezerro de ouro, que alçaram por divindade (*Êxodo*, 32). Dir-se-ia que, na ausência do pastor, estavam carentes de ritual.

E desde sempre os animais, vizinhos do Homem, desse universo religioso fizeram parte, quer porque serviam de vítimas a imolar, quer porque, reconhecendo a sua dependência deles, em certo sentido, o Homem os quis respeitar. Não admira, por conseguinte, que, usando uma linguagem de cunho vincadamente metafórico, João Baptista haja proclamado solenemente quando Jesus dele se abeirou para receber o baptismo nas margens do rio Jordão: «Aí está o Cordeiro de Deus, que vai tirar o pecado do mundo!» (*João*, 1, 29).

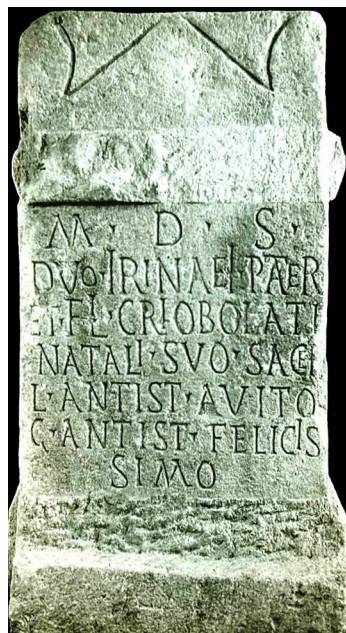
Na igreja circular de Janas (Sintra), em honra de S. Mamede, há, em meados de Agosto, uma romaria, em que o gado é levado a dar três voltas rituais no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, para ser abençoado e livre de maleitas. Ritual que também se pratica em Murches (Cascais), onde igualmente se tem capela em honra do mesmo santo, padroeiro do gado.

Também em Agosto se celebra em Cascais a festa em honra de Nossa Senhora dos Navegantes. A procissão sai da igreja matriz e os andores embarcam em traineiras que seguem mar fora até ao enfiamento da ermida de Nossa Senhora da Guia e são lançados ramos de flores, qual preito à Senhora. Em reunião camarária de Agosto de 2015, esta manifestação religiosa foi declarada «património cultural imaterial de interesse municipal». Uma decisão política, envolta num halo de tradição religiosa, cabendo-nos sempre perguntar se, numa manifestação com estas características, predomina a devoção, o folclore ou, até, alguma vontade de promoção social por parte de quem nela participa...

Poderá parecer reflexão despropositada: vai lá a política imiscuir-se na esfera da religião!... Estive no Brasil em Outubro de 1989, no momento da campanha eleitoral para a Presidência da República, e pude ver como cada candidato, num país em que pululam as seitas religiosas, procurava abertamente o apoio desta ou daquela. *Nihil novi sub sole*, «nenhuma novidade há debaixo do Sol», concluir-se-á, ao vermos que, nos primórdios da vinda dos Romanos para o território actualmente português, a quase ignota comunidade dos Cobelcos, que se radica bem no coração da (actual) Beira Alta (Almofala, Figueira de Castelo Rodrigo), no dia

em que decide mostrar-se como *civitas*, o faz erguendo, em plena praça principal do burgo, solene altar ao deus maior dos Romanos: Júpiter Ótimo Máximo!

Não menos eloquente é o altar descoberto em Beja (Fig. 5), a romana *Pax Iulia*, capital de *conventus* (uma das circunscrições jurídico-administrativas em que se dividiam as províncias) e pólo de atracção de muita gente, devido à sua localização em área rica em minério. Foi consagrado à Mãe dos Deuses, Cíbele, uma divindade cujo culto é originário da chamada Ásia Menor, no Mediterrâneo Oriental, e a consagração foi concretizada no dia em que dois *Irinaei*, pai e filho, são *criobolati*, ou seja, iniciados no culto à divindade. É o dia do seu nascimento — *natali suo* — na presença de dois sacerdotes, Lúcio Antístio Avito e Gaio Antístio Felicíssimo, que certamente derramaram sobre eles o sangue das vítimas sacrificadas, por vezes, um touro — e daí chamar-se à cerimónia *taurobolium*. E será despropositado questionar-nos sobre tais cerimónias iniciáticas, a lembrar baptismos e, também, noutro registo, associações ditas de benemerência onde só se entra com requisitos bem específicos, sociais e económicos?...



(Fig. 5)

No âmbito do ritual, não pode deixar de se mencionar o santuário de Panóias, perto de Vila Real. O local tem o seu génio, não há dúvida, sente-se no ar, mal nos aproximamos, um halo místico, a convidar à meditação. Assim também o hão de ter sentido os Romanos. Durante muito tempo, os fiéis ali terão ido fazer as suas preces e levar as suas oferendas, cada qual à sua maneira e conforme as suas possibilidades. Até que, no dealbar do século III da nossa era, um senador romano — *Gaius Calpurnius Rufinus, vir clarissimus* —, detentor, sem dúvida, de

elevado cargo que, por recato, não mencionou, decidiu mandar gravar nas penedias o ritual a cumprir: aqui imola-se a vítima, aqui asperge-se o sangue, aqui eleva-se a prece a Ísis, a Serápis, a todos os deuses e deusas... Preocupação religiosa ou – como no caso da procissão cascalense – preocupação que, sob o manto da religião, também insinua motivações políticas?...

Cultos familiares, individuais

Contudo, são muito mais abundantes as manifestações que nos ficaram desse tempo dos Romanos com cariz familiar e individual. Da zona do Fundão procede um altar dedicado à Vitória, divindade romana; é dedicante *Curius Privatus*, que *votum libens solvit*, o que quer dizer que a sua promessa desta sorte ficou «dissolvida» e que o fez «de livre vontade», condição *sine qua non* para que a sua atitude fosse válida perante a divindade. E a cavidade que mandou esculpir no cimo é o “fóculo”, o lugar para o “pequeno fogo”, dado que ali queimariam as essências. Parece vislumbrar-se vestígio de que algumas vezes tenha sido utilizado; contudo, a sua ‘presença’ manifesta sobretudo a intenção. Não colocamos nós flores artificiais nas campas dos nossos entes queridos? O intuito é o mesmo: dizer que gostaríamos de lhes oferecer muitas flores frescas amiúde, mas... aí ficam as artificiais, que permanecem...

Dizíamos atrás dos Lares. Há que falar, por consequência, do *lararium*, o “oratório” doméstico, onde o *paterfamilias* depunha oferendas e ámulas às divindades da devoção familiar. Podemos exemplificar com uma das várias ámulas identificadas em *Conimbriga*, que reza assim: Valério Dafino *A(nimo) L(ibens) P(osuit)*, «colocou de livre vontade» em honra de *Liber Pater*, o deus itálico da fecundidade assimilado a Baco.

E nesse domínio da intimidade familiar e da aura sacra que a envolvia poder-se-ão aduzir, a título de exemplo, três outras epígrafes:

- O plinto de um busto achado na cidade de *Pax Iulia*, mandado fazer «à Juno da nossa Secunda» pelos seus escravos Primogene e Félix (IRCP 229); o facto de não hesitarem em se identificar como escravos é sintoma de que se sentem bem e a presença do adjectivo possessivo «nossa» mais acentua esse carácter familiar. Juno é, de resto, o espírito divinizado de Secunda...
- Numa *villa* dos arredores de *Pax Iulia*, um outro escravo, Catulo, dedica um ex-voto à deusa *Salus*, «pelo nosso Gaio Atílio Cordo» (IRCP 290). De novo, o adjectivo cariñoso; e *Salus* consubstancia em si não apenas a saúde física, mas também o bem-estar, a serenidade, a prosperidade, enfim!

- E numa outra *villa*, essa na actual freguesia do Ervedal (Avis), o escravo *Threptus* agradece à divindade dos mananciais o facto de terem descoberto água, *ob aquas inventas* (IRCP 437). E não deixam de ser curiosos, aqui, dois aspectos: o nome da divindade não está completo, para que se fique na dúvida: é *Fontanus* ou é *Fontana*? Quiçá *Threptus* também se tenha posto a questão e, não sabendo responder, optou por omitir a terminação, até para não “zangar” a divindade, fosse ela deus ou deusa! O segundo aspecto reside na circunstância de, ao invés do que é normal, o nome do dono vir por extenso, com os três nomes (Gaio Apuleio Silão), e não somente com o *praenomen* (o primeiro nome): há aqui vontade expressa, em meu entender, de intimamente o associar na acção de graças, tão importante fora a intervenção divina!

A devoção institucional

E há a devoção institucional.

O altar oferecido a Júpiter Ótimo Máximo, em Alcácer do Sal, por Flávia Rufina, natural de *Emerita*, a qual se apresenta como flâmnia perpétua de *Emerita* e de *Salacia*, ou seja, sacerdotisa encarregada de velar pelo culto ao imperador, terá de incluir-se nesse âmbito, até pela sua magnificência e simbólica decoração (IRCP 183).

Júpiter teve culto oficial, como ora vimos; mas cedo foi venerado também pelos indígenas. Por devoção ou... por outras razões? O altar oferecido por Dobiteina, filha de Doquiro, a Júpiter Supremo Sumo pode ser disso um bom exemplo.

Ainda em Beja, o sodalício dos Brácaros oferece uma peça de mobiliário a Mitra, Deus Invencível, sendo mestre Méssio Artemidoro (IRCP 339). Uma peça de mobiliário certamente para a sede do sodalício, cujos objectivos seriam, mui naturalmente, apenas o de solicitar a intercessão do deus nos negócios a que o grupo se dedicava — que sodalício que se prezasse não teria somente fins benemerentes mas funcionaria também como grupo de pressão no ambiente urbano. «*Charity begins at home*» — é o conhecido prolóquio inglês, que teve aplicação em todos os tempos...

A devoção — já se disse — está ligada ao poder. Templos como o romano de Évora e tantos outros que ocupavam lugar proeminente no fórum das cidades, sob pretexto de honrarem a tríade capitolina (Júpiter, Juno e Minerva), honrariam também o poder imperial, o seu númen e majestade, como será comum dizer-se a partir do século III da nossa era. E desde o imperador Augusto que os governantes não hesitavam em deixar-se ver nessa óptica de poder sobrenatural, outorgado pelos deuses. Assim se compreende, por exemplo, que Vicano, filho de Búcio – um indígena, portanto – mande erguer templete dedicado ao imperador Augusto e

que, além do relevo dado na epígrafe aos termos dotados de ampla conotação religiosa, haja preferido mandar escrever *sacrum* no final, que é como quem diz: está consagrado o templo, estou consagrado eu também (IRCP 184). A devoção na sua expressão maior a prefigurar, no ano 5 ou 4 antes de Cristo, o que passará a ser corrente no século III, quando os dedicantes se proclamam «*devoti numini maiestatique eius*», «por devoção ao seu númen e majestade», expressão facilmente perceptível e, por isso, grafada em siglas.

O Além

Abundam, como é bom de ver, as inscrições funerárias – como na actualidade dos nossos cemitérios. E do teor dos epitáfios romanos podem retirar-se conclusões acerca da religiosidade que deles transparece.

Em primeiro lugar, frequentemente começam pela consagração aos deuses Manes. São eles que se encarregam do espírito do defunto – temos provas de que os Romanos acreditavam na dualidade corpo/espírito, ainda que a pudessem conceber de forma diferente da nossa. Mas são também os Manes que zelam pela integridade do sepulcro: violar o espaço fúnebre correspondia ao que se poderia apelidar de sacrilégio, ofensa grave aos deuses.

Em segundo lugar, passam, a partir de meados do século I, a indicar a idade do defunto. Escrevi bem: «do defunto» – porque se entende pensarem os Romanos que, terminada a vida terrena com aquela idade, era com essa idade que o defunto continuaria a viver no Além. Daí que os formulários privilegiem o presente: «aqui jaz», «que a terra te seja leve»!

Conclusão

Perguntávamo-nos, no início, se haveria alguma possibilidade de paralelismo entre as manifestações religiosas dos Romanos e o que se passou ao longo dos séculos e chegou aos nossos dias. No final do percurso, cremos não sofrer dúvida: o paralelismo existe, porque o Homem se manteve!

E pedras escritas ou representações escultóricas constituem, ao longo de todos os tempos, formas de tornar visível o que, invisível mas permanentemente, se revela íntima componente essencial da natureza humana: só numa relação com a Divindade o Homem contempla uma realização efectiva!

(Comunicação apresentada no Instituto de Estudos Académicos para Seniores, no ciclo de conferências Testemunhos da presença romana em Portugal, a 16 de Fevereiro de 2016)

Bibliografia comentada

Para uma iniciação nesta problemática, a partir dos monumentos epigráficos, o meu manual *Epigrafia – As Pedras que Falam* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 2011) poderá servir. A epigrafia votiva vem nas páginas 130-159.

Escrevi para o I volume da *Nova História de Portugal*, intitulado *Portugal das Origens à Romanização*, coordenado por Jorge de Alarcão (Editorial Presença, Lisboa, 1990) uma síntese, destinada ao grande público, sobre as manifestações religiosas romanas identificadas no território actualmente português: é o capítulo VI («A religião», 442-461).

Também o que me foi pedido para o catálogo da exposição, que subordinei ao título «Manifestações religiosas na Lusitânia romana ocidental», detém carácter geral, embora já mais específico que o anterior. Ver: CARVALHO, António, e COITO, Livia Cristina, *Lusitânia Romana – Origem de Dois Povos*, Museu Nacional de Arqueologia e Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 2016, p. 250-257. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/30761>.

Sobre as divindades ditas indígenas, actualizei recentemente o livro que publicara em 1975, e Amílcar Guerra preparou, uns tempos antes, o estado da questão a este propósito. Vejam-se: *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal (Subsídios para o Seu Estudo)*, Instituto de Arqueologia de Coimbra, 2015 [Acessível em: http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/1975_Divindades]; e ENCARNAÇÃO, José d' e GUERRA, Amílcar, *The current state of research on local deities in Portugal*, in J. Alberto ARENAS-ESTEBAN (ed.), *Celtic Religion across Space and Time (IX Workshop F.E.R.C.AN)*, Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, 2010, p. 94-112. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/13814>.

Contudo, a obra mais actualizada, com mui adequados textos temáticos, assinados por especialistas em cada área, é, sem dúvida, a que já atrás se citou: RIBEIRO, José Cardim (coord.), *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 2002. Trata-se do catálogo da exposição com o mesmo nome, levada a efeito no Museu Nacional de Arqueologia, onde, no momento em que redigimos estas linhas (Março de 2016), ainda se encontra, com a quase totalidade das suas peças.